





[Início](#) [Sobre o IHU](#) [Áreas](#) [Notícias](#) [Entrevistas](#) [Publicações](#) [Eventos](#) [Cepat](#) [Espiritualidade](#) [Entre em contato](#)

Diminuir / Aumentar a letra

Enviar por e-mail

Imprimir

Compartilhar

NOTÍCIAS » Notícias

Quinta, 13 de março de 2014

Mozart ou Bach: qual o melhor teólogo?

As fotos em que **Bento XVI** é retratado ao piano, nos anos do seu pontificado, contam que as partituras apoiadas no apoio ou sobre o instrumento diante do qual o papa gostava de se sentar eram as de **Mozart** e de **Bach**. E agora também, no mosteiro **Mater Ecclesiae**, no **Vaticano**, para onde **Ratzinger** se retirou, os seus hábitos não mudaram, se é verdade que os autores mais ouvidos pelo Pontífice Emérito são o gênio de **Salzburgo** e o cantor luterano de **Leipzig**.

A reportagem é de **Giacomo Gambassi**, publicada no jornal **Avvenire**, 11-03-2014. A tradução é de **Moisés Sbardelotto**.

É um acaso que o papa teólogo seja fascinado por essas duas penas de partituras extraordinárias? Nem um pouco. **Mozart** e

Bach são os musicistas que, mais do que outros, conquistaram os teólogos do século passado. A intensidade divina das suas obras-primas e a capacidade de "dar forma" ao sagrado no pentagrama os seduziram. E às vezes também os dividiram em partidários de um ou de outro, quase como se fossem *loggionisti* [aficionados por obras líricas] em um teatro de ópera.

Certamente, **Mozart** e **Bach** tocaram tão no profundo da sua alma que os "pensadores" de Deus se sentiram quase obrigados a dedicar reflexões e escritos aos dois mestres. Provavelmente porque, em ambos, encontraram sistemas teológicos semelhantes aos propostos nos seus estudos.

Karl Barth, o teólogo reformado suíço que não tinha se isentado de decifrar a relação entre melodia e vida de graça, tinha imaginado o Paraíso suspenso entre as notas dos dois autores. "Talvez os anjos, quando têm a intenção de louvar a Deus, tocam a música de **Bach**", observava. "Estou certo, ao invés, que, quando se encontram entre si, tocam **Mozart**, e então o Senhor também encontra particular deleite em ouvi-los".

No entanto, **Barth** torcia por **Wolfgang Amadeus**. "Os raios do sol afugentam a noite", ouve-se no fim de **A Flauta Mágica**. Nunca se conseguirá perceber na música de **Mozart** a incerteza e a dúvida: isso vale para a sua produção de ópera, assim como para a sua música instrumental, e mais do que nunca para as obras de gênero religioso. Cada um daqueles **Kyrie** ou **Miserere**, que também atacam em notas tão baixas, não é como que sustentado pela confiante certeza de que a misericórdia invocada se tornou realidade há muito tempo?".



O teólogo católico **Hans Urs von Balthasar** tinha um ouvido igualmente refinado e, nas partituras dos dois talentos, entrevia como que um toque capaz de elevar o homem da sua queda. "Diante da música de **Bach** – defêndia – nós percebemos a imponência ciclópica dos volumes e das arquiteturas. A enorme obra de **Mozart**, ao invés, nos parece ser como que já nascida sem nenhum esforço, posta no mundo como um filho já perfeito, tendo chegado à sua maturidade, sem perturbações. Perguntamo-nos se não há algum tipo de arco-íris intacto que vem da memória do paraíso terrestre".

Sobre a fé que alimentava **Bach**, ele não tinha dúvidas. Sobre o espírito religioso do mestre austríaco, o mesmo: a ponto de indicá-lo como exemplo de seguidor de Cristo. "**Mozart** quer ser, criando e vivendo, seu discípulo. E servir tornando perceptível o canto triunfal da criação inocente e ressuscitada".

NOTÍCIAS

[Notícias do Dia](#)

[Notícias de 2012/2011](#)

[Notícias Anteriores](#)

ENTREVISTAS

Comício da Central do Brasil: a proposta era modificar as estruturas sociais e econômicas do país. Entrevista especial com João Vicente Goulart

Greve dos garis demonstra que racismo e discriminação devem ser superados. Entrevista especial com Antonio Cechin e Roque Spies

A camisa de força do Estado. Neoliberalismo e endividamento. Entrevista especial com Wilson Cano

A liberdade de morrer sem diagnóstico. As críticas sociais de Ivan Illich à saúde. Entrevista especial com Roberto Passos Nogueira

REVISTA IHU ON-LINE



Edição n° 436

O que devemos uns aos outros? O contrato social revisitado

Entre os teólogos mozartianos, inclui-se o controverso **Hans Küng**, que, com alguns de seus livros, quis prestar homenagem aos "traços da transcendência" na música do *enfant prodige* austríaco. Certamente, não fez dele um missionário musical. E, no livro **Musica e religione** (Ed. Queriniana, 2012, 288 páginas), associou ao "som do infinito" que os trabalhos de **Mozart** transmitem os dramas musicais de Wagner e as sinfonias de **Bruckner**.

O teólogo **Pierangelo Sequeri** também está do lado do autor de **Don Giovanni**.

"**Mozart** foi capaz de interpretar a aventura da modernidade, sem renunciar à luz da teologia. Ele soube desenvolver uma espécie de teologia musical, capaz de conservar e expressar as dissonâncias sem resolvê-las falsamente", explicou, apresentando o seu livro **Eccetto Mozart. Una passione teologica** (Ed. Glossa, 2006, 210 páginas). Em todo caso, admite Sequeri, "se Deus faz ressoar a música de Bach nas reuniões em que todos podem participar, é porque ela é a mais acolhedora com relação a cada um".

Em apoio ao compositor alemão, intervêm dois jesuítas: **Christoph Theobald**, professor de teologia fundamental no **Centro Sèvres de Paris**, e **Philippe Charru**, organista titular na igreja de **Saint-Ignace**, em **Paris**, e diretor do departamento de estética, também no **Sèvres**. Os padres da **Companhia de Jesus** são os autores do livretto **La teologia di Bach** (Ed. EDB, 48 páginas), a partir deste mês nas livrarias.

"Na perspectiva luterana – afirmam – a música leva a Palavra até o fundo do coração e faz ressoar o seu eco. Uma cantata de **Bach** responde a essa pedagogia da experiência crente". Na escuta das suas composições, captam-se muitas descontinuidades. "Fissuras" [*fenditure*], definem-nas os dois religiosos, que formam uma estrutura musical feita de "resistências e lutas, cromatismos e silêncios, ascensões e quedas: em uma palavra, a cruz. É por isso que Bach encontrou na contemplação da cruz o selo por excelência que funda a sua música".

E se a sua produção envolve "uma dramática de conversão, ela não força ninguém, porque a decisão de crer é posta em jogo no segredo das consciências, além da escuta musical. Esse respeito que envolve os ouvintes traz a marca de uma gratuidade capaz de anular-se na forma de uma hospitalidade sem limites. O que não representa um testemunho menor do seu autêntico sabor evangélico".

Joseph Ratzinger dedicou palavras lisonjeiras a Bach, como se lê no livro **Sulla musica** (Ed. Marcianum Press, 2013, 86 páginas). "Em um concerto em **Munique**, dirigido por **Leonard Bernstein** – disse **Bento XVI** em 2011 –, ao término do último trecho, uma das cantatas, eu senti, não por raciocínio, mas no profundo do coração, que o que eu tinha ouvido tinha me transmitido verdade, verdade do sumo compositor e me levava a agradecer a Deus. Ao meu lado, estava o bispo luterano de Munique e espontaneamente eu lhe disse: 'Ouvindo isso entende-se: é verdadeira a fé tão forte e a beleza que expressa irresistivelmente a presença da verdade de Deus'".

Entre as 200 cantatas que o mestre de Leipzig nos deixou, a mais cara ao Pontífice Emérito era a Missa do 27º domingo depois da Trindade, a última antes do **Advento** no ano litúrgico luterano. E o papa alemão havia chamado o autor da **Paixão segundo Mateus** de um "esplêndido arquiteto da música, com um uso inigualável do contraponto, guiado por um tenaz *esprit de géométrie*, símbolo de ordem e de sabedoria, reflexo de Deus".

Claro, **Bento XVI** está ligado a **Mozart** por um "afeto particular" que afunda suas raízes na sua infância, quando ouvia na igreja as notas de uma Missa da "estrela" de **Salzburgo**. "Em Mozart, cada coisa está em perfeita harmonia, cada nota, cada frase musical é assim e não poderia ser diferente; até mesmo os opostos estão reconciliados, e a 'serenidade mozartiana' envolve tudo, a cada momento. Isso é um dom da graça de Deus, mas também é o fruto da fé viva de Mozart, que – especialmente na sua música sacra – consegue fazer transparecer a resposta do amor divino, que dá esperança".

Gostos à parte, a música, para quem se ocupa da inteligência do crer, é "a maior apologia da nossa fé". Assim como o "rastro luminoso" dos santos. Palavra do "**Mozart** da teologia", ou seja, o **Papa Ratzinger**.

PARA LER MAIS:

- 09/09/2010 - "Requiem" de Mozart e Bento XVI
- 09/09/2010 - Réquiem de Mozart ajuda a olhar serenamente a morte, afirma o Papa
- 08/07/2010 - Mozart, teologia e repouso: as férias de Bento XVI
- 03/08/2009 - Mozart faz estreia 218 anos após sua morte
- 27/05/2008 - Martini: contra o Parkinson me ajuda a música de Mozart
- 01/04/2007 - Audições comentadas encerram com A Missa da Coroação, de Mozart
- 29/03/2007 - Sensações que vão além do conhecimento. Audições comentadas do Credo das missas de Bach e Mozart
- 06/04/2006 - Milos Forman, diretor do filme Amadeus, fala de Mozart
- 04/04/2006 - O 250º aniversário do nascimento de W. A. Mozart. Uma entrevista com Nikolaus Harnoncourt
- 03/04/2006 - "À procura de Mozart". Filme faz retrato histórico de Mozart
- 03/04/2006 - Wolfgang Amadeus Mozart. O Jogo e o Milagre da vida
- 07/12/2012 - De Bach e Berlioz a Ratzinger. Artigo do teólogo Olegario González de Cardenal
- 12/02/2012 - Bach e Liszt. Ouvir, meditar e rezar
- 07/09/2011 - A Cantata de Bach preferida de Ratzinger
- 10/03/2010 - Bach e Händel: interpretações do Mistério Pascal

ADICIONAR COMENTÁRIO

- Site da revista
- Versão para folhear
- Versão em PDF

ANTERIORES

Edição nº 435
Mística, estranha e essencial. Secularização e emancipação.

Edição nº 434
A potência das ruas em debate